

VIOÊNCIA CONTRA A MULHER: PERCEPÇÃO, ATITUDE E COMPORTAMENTOS DE AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE

Rafaela Guilherme de Souza (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Sonia Silva Marcon
(Orientador), e-mail: ra108781@uem.br

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Biológicas e da
Saúde/Maringá, PR.

Área do conhecimento: Ciências da Saúde. **Subárea:** Enfermagem de
Saúde Pública.

Palavras-chave: Violência contra a mulher; Saúde da mulher; Agente
Comunitário de Saúde.

Resumo:

A violência contra a mulher é problema de saúde pública, porém a maior parte das situações de violência vivenciadas pelas mulheres são perpetradas por seus parceiros e em âmbito privado, o que concorre para que este ainda seja um problema com pouca visibilidade social. Os Agentes Comunitários de Saúde (ACS), são os profissionais responsáveis por entrelaçar a vida dos usuários ao serviço. O objetivo deste estudo é aprender as percepções, atitudes e comportamentos dos ACS em relação à violência contra a mulher. Estudo descritivo e exploratório realizado com 22 ACS atuantes em equipes da estratégia saúde da família de Maringá/Paraná. Dados foram obtidos mediante entrevista semiestruturada áudio-gravas, submetidos à análise de conteúdo temática. Constatou-se que os ACS são profissionais com atuação eficaz e ágil, justamente por serem os mais próximos da vítima. Intervêm em diferentes graus na assistência, porém, há obstáculos no território e no relacionamento com a vítima para o êxito no atendimento, dificuldade estas que se agravam na carência de capacitação.

Introdução

Os casos notificados e subnotificados de violência contra a mulher aumentaram significativamente no Brasil (D'OLIVEIRA et al., 2020). As implicações da violência se desdobram na saúde física, sexual, mental e reprodutiva das mulheres, sendo assim considerada uma violação aos direitos humanos da mulher e um problema de saúde pública. Existem diferentes formas de violência contra a mulher, praticadas nas relações íntimas em coabitação ou em envolvimento diversos em localidades distintas, de acordo com a Lei Maria da Penha, nº. 11.340, configurando delito as agressões a saúde psicológica, sexual, patrimonial e moral da vítima (BRASIL, 2006). Os Agentes Comunitários de Saúde (ACS)

constituem o importante elo entre os usuários e o serviço de saúde, as visitas domiciliares que realizam favorecem proximidade com a população (ARBOIT *et al.*, 2018). O objetivo do estudo foi apreender as percepções, atitudes e comportamentos de ACS em relação à violência contra a mulher.

Materiais e métodos

Estudo descritivo-exploratório, de abordagem qualitativa, realizado com agentes comunitários de saúde de Maringá - Paraná. Os dados foram coletados de junho a agosto de 2021, entrevista semiestruturada com os profissionais que consentiram a participação *on-line*, via *WhatsApp* e áudio-gravadas; e sem restrição de tempo, variando entre 20-60 minutos o roteiro utilizado na entrevista continha dados de identificação e a seguinte questão norteadora: “Você tem ou já teve caso de violência contra a mulher em sua área? Como ficou sabendo e o que fez?” As entrevistas foram transcritas na íntegra e submetidas a análise de conteúdo, modalidade temática (BARDIN, 2011). O estudo está em conformidade com as diretrizes da Resolução nº. 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, aprovado pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisas envolvendo Seres Humanos (COPEP) da Universidade Estadual de Maringá (UEM), parecer nº 4.177.232. Todos os participantes declararam via formulário *on-line* sua anuência ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Resultados e Discussão

Participaram do estudo 22 ACS dos 33 que se estabeleceu contato. Com idades entre 27-60 anos; 21 do sexo feminino. Dezesesseis casados, quatro solteiros, dois divorciados e um viúvo. O tempo de atuação de ACS 1-19 anos.

Presenciar, desconfiar: vivenciar a violência

Os relatos mostram que a atuação como ACS favorece uma aproximação com casos de violência contra as mulheres em diferentes contextos, visto que apenas seis dos participantes relataram não ter conhecimento de casos de violência em seu território de atuação, os motivos apontados foram: restrição das visitas domiciliares no contexto de pandemia; fator econômico do território; outros grupos de risco para violência em sua micro área.

“Por causa da pandemia a gente não tá se envolvendo tanto no atendimento.” 03 *“A minha área é mais classe média, é até difícil encontrar eles em casa pra fazer visita.”* 07

A violência contra a mulheres ocorre em diferentes idades, condições financeiras, profissões e realidades, como inferem os relatos dos ACS:

“(…) tinha uma criança também, menina, mocinha no meio, ele violentava a mãe e a menina, era o padrasto.” 17 *“Sempre se escondendo, sempre com medo, com medo de falar muito, tanto que ela só foi falar quando vi o hematoma, era uma senhorinha”* 02

Ação e reação frente a violência

As atitudes dos ACS nos casos de violência contra a mulher são diversas e se apresentam em diferentes graus de intervenção. Treze atenderam

diretamente as vítimas fazendo encaminhamento aos órgãos responsáveis; amparando a mulher, mesmo quando ela decide não levar o caso adiante; repassando o caso aos demais profissionais da equipe e participando em equipe das discussões e tomadas de decisão pertinentes ao atendimento.

“Levei na delegacia da mulher, dei queixa junto com ela, trouxe ela de volta, apoiei ela na minha casa umas quatro ou cinco vezes pra conversar.” 17

Ações mais incisivas para atendimento integral são geralmente mediadas por toda a equipe.

“Sempre um trabalho em equipe, quando um tem dúvida, sempre passar pro outro, o outro pode ter uma visão mais aberta e saber como proceder...” 16

A via de mão dupla

A violência nunca é um ato isolado do contrário, está inserida num emaranhado de circunstâncias, logo, a vítima se vê sufocada nas adversidades. A mulher suporta o medo, a angústia, a vergonha, a incerteza, o desânimo e um profundo esmorecimento físico e psicológico.

“É o medo que a mulher tem dá segurança que ela não tem, ela tem medo do marido deixar, do marido bater, ela tem medo de ser abandonada de ser desprezada, são tantos os motivos...” 11

A conjuntura ideal para o atendimento não existe, e sim o oposto, visto que as ACS constataram dificuldades devido a desconfiança da vítima e a ruptura dos vínculos; as ameaças do território que reprimem a atuação da ACS frente a vítima; e o teor exaustivo do atendimento a violência.

Violência: percepção e capacitação

As agentes de saúde possuem uma perspectiva apropriada da violência e das situações de vulnerabilidade que a mulher pode vivenciar.

“Ah todo tipo de violência né, física, psicológica, às vezes até por dinheiro, as vezes acaba ficando com alguém por falta de dinheiro, falta de estudo, falta de emprego.” 09

De fato, não se trata unicamente da agressão física, mas de todo ato que fere a mulher em sua dignidade, logo há certas particularidades para se disponibilizar um atendimento integral, nesta perspectiva as profissionais identificaram lacunas em sua formação.

“Falta capacitação pra gente conseguir abordar, conversar e divulgar mais o assunto. E transmitir pra ela uma certa segurança, uma certa abertura pra elas tomarem essa decisão que acredito ser uma decisão bem diferente especialmente quando o marido ameaça né.” 04

Mesmo aquelas que receberam instruções para o atendimento alertam a necessidade de continua atualização e discussão da temática.

UBS: Acolher, amparar e encaminhar?

Entre as entrevistadas a UBS é considerada um local apropriado para acolher e amparar a vítima.

“Acredito que por conhecer a população(...) a unidade de saúde é até mais calorosa que a delegacia” 16

Ainda que o ambiente seja favorável, o emprego adequado da linguagem para é por vezes ignorado por diferentes profissionais, tornando a assistência ríspida e desumanizada. Em particular, quanto condicionam o atendimento em ações mecânicas, afinal não se “encaminha” um caso, mas, uma pessoa que sofre e carece de cuidados.

“Acho que o acolhimento das instituições tem que mudar, fica assim: “Então, mas quem te bateu? Foi o marido ou foi filho?” Parece assim, eu sinto, que vai mais culpa-la do que acolhe-la, então acho que tem que rever isso aí.” 12

Mulheres na situação de violência estão fragilizadas, sendo este o momento inadequado para indagação e exposição excessiva, é necessário ampará-las.

Conclusões

Os agentes comunitários de saúde demonstraram que além do interesse, possuem experiência e preocupação com a mulher que sofre violência. Logo, viu-se que de fato este são os profissionais que estabelecem o primeiro contato com a vítima, sendo capazes de contribuir com o atendimento ágil e eficaz do caso. Porém, há dificuldades importantes no atendimento, as quais são identificadas como passíveis de correção por meio inserção de capacitações/cursos, afinal a abordagem é uma das etapas mais delicadas e primordiais para assistência

Agradecimentos

Agradeço a orientadora pelo encorajamento na escolha desta temática. Ao CNPq pelo investimento na pesquisa e a Secretaria Municipal de Saúde de Maringá pela autorização. Aos ACSs meus sinceros agradecimentos pela colaboração e generosidade para com este estudo.

Referências

ARBOIT, J., et al. Violência doméstica contra mulheres rurais: práticas de cuidado desenvolvidas por agentes comunitários de saúde. **Saúde e Sociedade**, [S.L.], v. 27, n. 2, p. 506-517, jun. 2018. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-30041637>. Acesso em: 12 fev. 2021.

BARDIN, L. Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL, Lei nº. 11.340, de 7 de agosto de 2006, (**Lei Maria da Penha**). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2006/2006/Lei/L11340.htm. Acesso em: 01 de mar. 2021

D'OLIVEIRA, A.F.P.L., et al. **Obstáculos e facilitadores para o cuidado de mulheres em situação de violência doméstica na atenção primária em saúde**: uma revisão sistemática. Interface - Comunicação, Saúde, Educação, [S.L.], v. 24, p. 1-17, 2020. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141432832020000100307&tlng=pt. Acesso em: 02 jan. 2020.